



## CPRJ 40 Anos – Projeto Memória

### NOSSOS 25 ANOS

**Edson Soares Lannes**

Somos movimento, processo, tempo. Somos, não sendo ainda.

Estaremos sempre vindo-a-ser. Por isso, falar do passado tem mais sentido para mim, quando ele perpassa o meu presente. Torna-se aqui, agora, eterno.

Nos primórdios, uma força criadora deu forma a desejos e o Círculo aconteceu. Com o tempo, pouco a pouco, ele define um estilo de ser.

Com nossas características, com nossa marca, estamos inseridos na história do movimento psicanalítico. A psicanálise no Rio teve um primeiro momento em 1928, quando um grupo de psiquiatras (um deles, o professor Neves-Manta, ainda vivo) fundou a "Sociedade Brasileira de Psicanálise", que publicou uma revista que recebeu uma carta de Freud. Esta sociedade morreu, de morte natural. Em fins da década de 40, Iracy Doyle, com formação psicanalítica no W. A. White Institute, de New York, criou o "Instituto de Medicina Psicológica", que veio a funcionar, plenamente, em 1952. Em 1949, chegaram ao Rio os Kemper, ele, didata da I.P.A., convidados por médicos do Ministério da Saúde. A sociedade que fundaram, a "Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro", foi oficializada pela I.P.A. em 1955. Um outro grupo, ligado ao psicanalista inglês Burke, que não se adaptou a viver no Brasil e voltou logo para a Inglaterra, foi oficializado mais tarde, em 1961, como "Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro". Em 1963, o professor Malomar Lund Edelweiss, que havia fundado o "Círculo de Psicologia Profunda de Porto Alegre" em 1956, criou o de Minas Gerais. No ano anterior, 1962, em Amsterdam, Erich Fromm, Igor Caruso, Werner Schwidder e Gerard Chrzarnowski promoveram o 1º Fórum Internacional de Psicanálise, que deu origem a I.F.P.S.

Bem, agora estamos mais perto. Alguns de nós, analisados de D. Catarina Kemper, membros e não-membros da "S.P.R.J.", nos motivamos seriamente pelo estudo da psicanálise. Com o retorno para Berlim em 1967 do professor Kemper, D. Catarina, já didata, também, há algum tempo, de sua

sociedade, se desinteressou por ela e acabou desligada em 1968. Igor Caruso, presidente internacional dos Círculos de Psicologia Profunda, passou o período 68/69 em Belo Horizonte. Ele e D. Catarina tiveram alguns contatos, com a participação do professor Malomar, e animaram a quatro de nós, colegas que já constituíamos um grupo natural, a nos instituir, com outras quatro pessoas ligadas ao professor Malomar, como unidade do Círculo no Rio. Uma destas já tinha, por iniciativa própria, registrado a patente "Instituto Brasileiro de Psicanálise", que veio a ser a primeira razão social de nossa instituição, logo modificada para Círculo Psicanalítico da Guanabara e, na fusão do estado, "Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro". Era o dia 27 de março de 1969 e isso aconteceu aqui em Botafogo, numa sala de uma casa na Rua Sorocaba. Éramos, então, a 4ª sociedade psicanalítica existente no Rio.

As motivações desses oito que assinaram a ata de fundação não eram as mesmas, por certo. Tanto que, daqueles, somos apenas dois, hoje: Henrique e eu. Mas outros colegas, que eram ligados a D. Catarina e a nós, entraram para instituição nos primeiros tempos e constituíram seu grupo inicial. Oito deles, incluindo D. Catarina, vieram da S.P.R.J., O que nos dava a aura de dissidentes. Certamente, dissensão não era a nossa preocupação. Não éramos, primordialmente, anti-alguma coisa. Éramos a favor do que entendíamos como sendo movimento psicanalítico e ciosos da liberdade de estudá-lo. Tanto que os quatro primeiros anos de nossa existência foram dedicados a um bom estudo de autores psicanalíticos fundamentais, a começar (e a sempre continuar) com Freud. Nosso currículo incluiu Klein, Fairbairn, Winnicott; e mais, Abraham, Spitz, Anna Freud, Balint, Hartman, Eriksson, Caruso. Lacan, na época, era pouco difundido no Brasil. Esses primeiros anos também serviram para adaptação interna e para a saída de alguns, não identificados com nossas motivações.

Desde o início tínhamos consciência do risco de virmos a ser, apenas, uma nau catarineta, com naufrágio previsível. Não quisemos, também, ser tão somente um círculo vicioso, mero repetidor de um sistema, brincando de imitar o jogo do poder da I.P.A. Sabemos que esta foi criada por Freud como um espaço para troca de idéias e apoio mútuo, mas ela não acolheu bem as divergências, mesmo depois de sua morte. Preferiu viver com tradições, algumas esterilizantes, em vez de se aperfeiçoar com as contradições.

Bem, nós existimos porque não confundimos a história do movimento psicanalítico com a história da instituição I.P.A. Nossa existência despertou reações fortes. Algumas, de muito mau gosto, como, por exemplo, em 74, por ocasião de um congresso brasileiro das sociedades da I.P.A. Em entrevista a um jornal do Rio, O presidente da S.P.R.J. disse que qualquer pessoa que, fora dos quadros da I.P.A., se propusesse a praticar a psicanálise, era "psicopata". Ora, nessa mesma época,

vimos, a saber disso mais tarde, Amílcar Lobo, que fazia formação psicanalítica em sua sociedade, era analisado por ele.

Um ano depois, em 1975, em Brasília, o deputado Francisco Amaral apresentou um projeto de regulamentação da profissão de psicanalista que, entre suas determinações, restringia a prática da psicanálise apenas aos profissionais formados pelas sociedades da I.P.A. Acompanhamos de perto o andamento do projeto (através da colaboração que solicitamos ao deputado Lysâneas Maciel, nosso amigo pessoal), até seu arquivamento, que se deu por proposta do deputado Gamaliel Galvão, da Comissão de Legislação Social e Trabalho. Seu parecer foi baseado em que não se podia atrelar a regulamentação de um exercício profissional no Brasil a normas vindas do exterior. O feitiço virou contra o feiticeiro.

No nosso mundo particular, vivemos, em 1978, a perda de D. Catarina, já muito enferma desde o ano anterior. Ela foi uma personalidade fascinante e fez contribuições originais à psicanálise, principalmente no trabalho com crianças e com grupos. Tinha peculiaridades que tornavam difícil, para ela, viver em sociedades, com seus estatutos e regimentos. Falando-nos com lúcida autocrítica a esse propósito, uma vez se disse "personalista, individualista, radicalista". Mesmo assim, ela foi fundamental para a criação e sustentação inicial da sociedade.

Depois de sua morte, mas não por causa dela, vivemos um momento difícil, em que tivemos que tomar uma decisão muito séria. Em função de divergências administrativas que não puderam ser contornadas, nós nos desligamos do Círculo Brasileiro de Psicanálise e nos dedicamos a ser uma sociedade local, aberta à relação e ao convívio com outras sociedades do Rio, do Brasil e do exterior.

Ao longo desses anos, tivemos que nos despedir, precocemente, de outros colegas que, certamente, estariam hoje aqui, compartilhando a alegria do encontro, nessa comemoração dos 25 anos. Além de D. Catarina, perdemos Alberto Coelho de Souza, Alberto Gabbay, Arnóbio Ribeiro Fraga Dias, Juarez Chaloub, Lucélia Ribeiro, Maria Célia Bandeira, Rosaly Bloch e Vera Saboya. Em nossa saudade, quero fazê-los, de alguma forma, presentes. Lembrei-me de uma passagem de nossa vida, em 1986. Num encontro institucional, realizado para uma reflexão sobre a tortura, decidimos publicar uma nota no Jornal do Brasil e o Círculo indicou três colegas para redigirem o texto. Éramos Maria Célia, Francisco Leonel e eu. Encontramo-nos e eu fiquei encarregado de escrever o fruto de nossa conversa. Li-o, pelo telefone, para os dois, que o aprovaram e o texto foi publicado no JB de 31.10.86. A lembrança da aprovação emocionada da Maria Célia até hoje me comove; por isso, homenageando nela os colegas que perdemos, decidi incluí-lo agora:

"Os psicanalistas do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro juntam suas vozes às de todos os

cidadãos que se têm pronunciado contra a tortura.

Nada justifica esta ação torpe, abjeta e perversa da opressão, praga dos regimes de força, condenada pela civilização. Sua realidade entre nós foi uma humilhação. A ferida que nos impôs não está fechada.

Será preciso bradar, sempre e sempre, contra esta violência covarde e sem lei, para que não se apague, perigosamente, da lembrança da História.

O regime democrático, ainda a melhor escolha, precisa ser produzido, continuamente, pelos homens. Não será fruto de generosidade de opressores. Nele vicejará o pensamento libertário, criativo, original, de todo ser humano.

A psicanálise, enquanto um saber sobre o homem, lida com as barreiras que se encontram, no próprio ser humano, a esse pensamento. A procura da verdade, singular e circunstancial, é o pacto proposto por ela. Psicanalista e analisando, procurando, sinceramente, os conceitos que a mente produz das coisas humanas, fazem um trato pela verdade libertadora, a ser significada pela palavra em seu sentido mais amplo. A esperança é de que o homem se conheça mais, se minta menos e tenha condição de conviver melhor com os outros.

Essa psicanálise não pode se compor com ideologias e práticas políticas que, ensejando a opressão, a hipertrofia do poder e o desrespeito às manifestações do pluralismo natural da sociedade, são nitidamente contraditórias com sua essência libertária.

Se o fizer, deforma-se, deforma e sucumbe."

Continuamos pensando assim. Nossa marca institucional é a democrática. Procuramos entender que democracia não é só o direito de falar, mas, também, o compromisso de ouvir. Somos caminhantes, de várias tribos, que se encontram para falar do caminho. Nossa instituição é a praça de encontros. Essa casa de analistas não é templo religioso, nem instância fratricida. Afinal, não é em um lugar qualquer que colocamos nosso sonho... É preciso que seja "play-ground", espaço potencial, objeto transicional. Não se trata de apagar diferenças, mas de explicitá-las. Não queremos separar leituras, mas compará-las. Só bem conhecidas e que se tornam frutíferas para todos. É necessária a discussão plural, o confronto de idéias, o estímulo, a argumentação.

Por isso, o Círculo.

Que ele seja, cada vez mais e melhor, esse Fórum de cultivo e transmissão da psicanálise, na troca de idéias e experiências, em uma convivência agradável. Que possibilite capacitação e

aperfeiçoamento; consideração, respeito e deferência. Que seja uma instituição construtiva, fruto do trabalho de todos.

E que, no mínimo, mereça sempre o respeito que recebe.

**Edson Soares Lannes**

Psicanalista, membro fundador do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro.

Rua Miranda Valverde 135, Botafogo, Rio de Janeiro, RJ, CEP: 22281-000.